

SÉRIE ANTROPOLOGIA

14

**Pescadores do Golfo do México:
Racionalidade Econômica e Sistema Social**

George de Cerqueira Leite Zarur

**Brasília
1976**

Pescadores do Golfo do México: Racionalidade Econômica e Sistema Social

George de Cerqueira Leite Zarur

I – Considerações Teóricas

O presente trabalho vem a ser o resultado de cerca de um ano de pesquisa realizada por mim nos Estados Unidos. O estudo de uma comunidade norte-americana por um antropólogo do terceiro mundo representou duas tentativas em um mesmo projeto. A primeira foi a de em certa medida conseguir-se uma inversão da lógica que associa a relação sujeito-objeto antropológico com uma relação de dependência entre os povos. A segunda, vem da necessidade de se estender a antropologia além de nossas fronteiras nacionais. Tal empresa encontra um objeto próximo ao ideal em uma comunidade norte-americana, se considerarmos o peso político e econômico dos Estados Unidos em relação a América Latina.

A noção principal que orienta este trabalho é a de racionalidade econômica, um dos princípios fundamentais de toda a teoria econômica. “Racionalidade econômica” tem sido tradicionalmente definida como a capacidade de escolher entre alternativas para se obter um fim econômico desejado. No caso de indivíduos tal fim seria a maximização de utilidade tomada em algum sentido vago. No caso do produtor a implicação seria uma minimização de custos e maximização de lucros. A noção de racionalidade econômica tem sido contestada desde os começos da antropologia econômica. Tal contestação de certa forma marca a formação da antropologia econômica como um sub-campo de nossa disciplina (ver por exemplo Malinowski na Kula). Mais tarde, esta noção torna-se o foco da polêmica entre “formalistas” e “substantivistas” em antropologia econômica.

Quando discutem a noção de “racionalidade econômica”, a maioria dos antropólogos econômicos tem ignorado a relação íntima que me parece ter a noção de “racionalidade” econômica com o sistema de classes sociais. O único autor que tem tentado compreender tal relação é Maurice Godelier (s/d), mais um filósofo que um antropólogo. De outro lado, vários estudos recentes sobre problemas de mudança econômica, mas que não se situam dentro de um quadro teórico de antropologia econômica, como os de Sheppard Forman (1970) no Nordeste brasileiro, Allan Johnson no Nordeste brasileiro (1971) Lambros Comitas (1962) na Jamaica, e outros, não tem ignorado o papel de classes sociais em uma sociedade complexa. Eles enfatizaram porém o papel da escolha individual “racional”, ao mesmo tempo aceitando inovações e estabelecendo atividades econômicas alternativas. Tais estudos exploraram uma área até certo ponto negligenciada em antropologia, a área onde a escolha individual é importante. Eles negligenciam, porém, o papel de valores culturais que influenciam decisões. Forman, Comitas e Johnson, por exemplo, descrevem os indivíduos das sociedades que estudaram como seres econômicos “racionais”, ou, em outras palavras, como pessoas que tentam maximizar seus ganhos econômicos, tomando as decisões mais adequadas para este fim. Forman (1970: 134) é muito explícito:

“É o empresário que, desejando explorar um mercado maior, introduz novas técnicas e estas são racionalmente aceitas ou rejeitadas por gente com liberdade de escolha”.

A crítica substantivista à teoria econômica formal não é considerada por estes autores e também não é levado em conta o conceito básico em antropologia, de que o racional toma formas diferentes e que a cultura e os sistemas sociais fornecem o quadro de referência para o que os indivíduos consideram ser “racional”. Está entendido que “comportamento racional” frequentemente não se ajusta à definição de “homem racional” em teoria econômica convencional. Em todas as sociedades existem níveis diferentes de “comportamento prescrito” e “livre escolha”. Raymond Firth (1964:12) por exemplo distingue entre “estrutura social” e “organização social”. A primeira denota o comportamento prescrito e a última, a conduta individual.

São nossas principais hipóteses:

1 – Mullet Springs, a comunidade estudada, participa em nível regional do mercado capitalista complexo dos Estados Unidos.

2 – O acesso ao mercado externo determina o critério para se distinguir uma classe alta local que se relaciona com o sistema econômico regional. Os membros deste grupo (classe alta local) atuam “racionalmente” em atividades econômicas. Os que não tem acesso a mercados externos tendem a atuar “irracionalmente” na produção.

3 – Tal relação entre classe e racionalidade, sob o ponto de vista econômico, é condicionada por valores culturais e formas de organização social correlatas.

4 – De outro lado, tanto a racionalidade econômica individual dos que tem acesso a mercados externos, como a irracionalidade econômica individual dos que não a tem, são partes da racionalidade do sistema como um todo. Em suma, pretendemos demonstrar que para se entender um sistema de decisões econômicas, é necessário que se entenda o sistema sócio-cultural como um todo. Parece ser adequado o uso de um tradicional holismo antropológico que, por implicar também no estudo de áreas de comportamento prescrito, leva a níveis da vida social em que a decisão individual não aparece, contrariando assim a ênfase aparente na metodologia de estudos como os de Forman, Comitas, Johnson e outros.

II – A Comunidade Mullet Springs

Para proteger meus informantes de uma notoriedade indevida dei à comunidade com que trabalhei o nome fictício de Mullet Springs. Mullet Springs é uma cidade de 750 habitantes de um Condado (mais ou menos um Município) rural do Norte da Flórida. As principais atividades econômicas no Condado são a criação de gado e a exploração florestal.

Uma característica marcante de Mullet Springs, com o County, é sua forte identidade local. Mullet Springs é uma vila geograficamente isolada, uma espécie de fim de linha em uma estrada que leva ao golfo do México. É, de fato, uma ilha ligada por um conjunto de pontes à península da Flórida. Uma outra razão é a história peculiar da cidade e, por fim, sua especialização econômica: a maioria de sua população trabalha na coleta de produtos do mar.

Um aspecto fundamental da região como um todo é seu posicionamento político e ideológico no Sul dos Estados Unidos, o que é verdadeiro para o conjunto Norte da Flórida. O tipo humano característico desta área geográfica é a “Flórida Cracker”, sulista com um sotaque característico, pobre, racista e com espingardas à mostra na camionetas. Os habitantes do Norte da Flórida traçam uma linha imaginária que vais

mais ou menos de Tampa, no Golfo, a Fenandina na costa leste da península. Ao sul desta linha está uma área normalmente caracterizada como “Yankee Country”, “terra dos Yankees”, sendo os “Yankees” em questão, a grande quantidade de turistas e aposentados que habitam o sul do Estado. Cidades como Mullet Springs tem recebido também um número cada vez maior de aposentados, embora muitos deles sejam da Flórida. A população de Mullet Springs se auto-divide em duas categorias: “natives” e “outsiders”, sendo os “natives” a população tradicional da cidade, enquanto os “outsiders” são principalmente aposentados que, em geral, devido a um baixo nível de renda, foram morar na cidade procurando imóveis baratos.

Mullet Springs é, para os padrões da Flórida uma cidade muito antiga. A partir de 1860, quando foi concluída a primeira estrada de ferro do Estado, ligando Mullet Springs à costa leste da Flórida, houve um grande surto de atividade econômica, principalmente devido à exploração das extensas reservas de cedro da área. As companhias Johann Faber e Eagle de lápis ali implantaram serrarias e mesmo um estaleiro, que construía navios de grande porte, existia no local. É a partir de 1890 que começa um rápido declínio da indústria da madeira e da população da cidade. O golpe fatal foi dado pelo furacão de 1890 que arrasou a cidade e matou centenas de pessoas. Desde então, a pesca tornou-se a atividade econômica mais importante.

A população que historicamente colonizou a Flórida foi a mesma que ocupou as regiões montanhosas do sul dos Estados Unidos. Enquanto as férteis baixadas eram ocupadas pelo sistema de “plantation”, os brancos pobres ocuparam as terras piores do sul, incluindo a área pantanosa e infestada de malária da Flórida. É significativo que cerca de dois terços do território do município seja composta de pântanos.

Além de sua população branca, principalmente de origem anglo-saxã, ou “scotch-irish”, Mullet Springs recebeu um contingente negro principalmente para o trabalho na indústria madeireira. Os costumes tradicionais do sul dos Estados Unidos relativos a relações raciais são seguidos ainda hoje e, em 1923, devido a um suposto caso de violação de uma mulher branca por um homem negro, foi simplesmente riscada do mapa uma pequena comunidade negra na vizinhança da vila. Supõe-se que de 30 a 60 pessoas, todas negras, foram mortas neste episódio.

III – A Indústria Pesqueira

A produção de peixe de Mullet Springs era, no século passado, utilizada para abastecer as “plantations” das áreas ao longo da ferrovia, sistema parecido com o da indústria pesqueira do Nordeste brasileiro. A longo prazo tem se observado uma queda na produção de peixe. Em parte, isto se deve a fatores de ordem ecológica. A principal espécie de peixe encontrada na área, Mullet, tem declinado em quantidade devido à poluição do golfo do México e o número cada vez maior de pescadores amadores. Porém as principais razões para o declínio na produção de peixe têm sido as vicissitudes encontradas pelos pescadores em sua comercialização. De fato, um dos determinantes básicos do sistema econômico e do tipo de vida da população local, é a preferência dos consumidores dos mercados externos. Traçando o que economistas chama de uma curva de indiferença, compreendendo peixe e carne, peixe é um bom substituto. Como tal, o peixe tem uma demanda mais elástica que a carne e um aumento no preço da carne significa um aumento proporcionalmente ainda maior no preço do peixe. Um decréscimo no preço da carne significa, por outro lado, um decréscimo proporcionalmente maior no preço do peixe. Em suma, a elasticidade da demanda de peixe é maior que a de carne. O peixe era o alimento dos negros e dos brancos pobres

do Norte da Flórida. Ele é considerado pelos consumidores dos centros urbanos da Flórida como um alimento de segunda classe.

Até certa de 1930, a Flórida era um dos estados mais pobres dos Estados Unidos mas com o desenvolvimento do turismo, a renda pessoal percapita subiu cerca de 400% a partir de 1940. Uma resultante é que o peixe tem sido substituído por carne nos centros urbanos. Outra razão são os programas de assistência social, principalmente os “food stamps”, coupons para obtenção de gêneros alimentícios que são distribuídos pelo governo federal aos pobres. O efeito destas distribuições vem a ser o aumento do poder de substituir peixe por carne, pela população pobre. A diminuição no consumo de peixe tem um efeito muito grande no sistema de distribuição de renda na cidade. Quanto menor o consumo mais os comerciantes locais tem que ganhar na diferença entre o preço de revenda e o preço de compra do produto ao pescador. A consequência maior é uma pobreza generalizada pelos padrões americanos.

Desde 1950, uma nova atividade pesqueira vem se desenvolvendo na área com a coleta de caranguejos. Dois tipos de caranguejos, o “blue crab” e o “stone crab” são pescados comercialmente. Atualmente produz-se em termos de valores monetários mais caranguejos na área do que peixe. A situação do caranguejo azul, (blue crab) a espécie mais produzida, está, porém, sujeita às mesmas regras econômicas que o nullet, ou seja, um bem alternativo.

Outras atividades de importância na indústria pesqueira é a coleta de ostras.

A maior parte da produção obtida em Mullet Springs é comercializada através de uma instituição chamada “fishhouse”. Há cerca de 50 anos atrás havia 13 “fishhouses”, em Mullet Springs. Atualmente há só duas. A principal razão para isto foi a redução do mercado para os produtos do mar. O termo “fishhouse” aplica-se ao prédio onde os pescadores vendem sua produção. É igualmente o lugar onde eles guardam seus barcos. A fishhouse não apenas compra e vende produtos do mar, mas, também os conserva, estoca e transporta para os centros consumidores. A “fishhouse”, porém, é não apenas um lugar, mas também o nome de um conjunto de relações institucionalizadas. É lá que os pescadores se reúnem de manhã para trocar informações sobre o tempo, marés, o preço dos produtos do mar, sobre os outros pescadores e sobre o povo da vila. Por esta razão, a fishhouse apresenta quase o perfil de uma associação exclusiva masculina como as que tem sido encontradas em outras sociedades. Eu mesmo, em pesquisa anterior entre índios do Xingu, encontrei uma dessas associações.

A fishhouse porém não é apenas um local onde emergem relações igualitárias. É através dela que se estabelece uma relação concreta de dependência entre os pescadores e os donos da fishhouse. Entre os 72 pescadores de Mullet Springs em 1974, 51 estavam permanentemente ligados às duas fishhouse da cidade. É lá que os pescadores obtém crédito para compra de redes e armadilhas ou simplesmente para pagar a conta do armazém. Muitos pescadores vivem permanentemente em débito com o dono da fishhouse. Atualmente, a fishhouse não financia nem possui os barcos usados pelos pescadores. Porém, até alguns anos atrás, esta era uma prática comum. Tal transformação ocorreu devido a financiamentos do governo federal norte-americano. Em determinadas áreas isoladas da costa do golfo é ainda mantida a relação em que os pescadores dão uma parte da produção à fishhouse, “pagando” pelo uso do barco. A fishhouse ainda fornece aos pescadores insumos como isca e gelo.

Estas características levam a uma relação tradicional patrão-cliente encontrada historicamente no Sul dos Estados Unidos e em plena ocorrência neste momento em algum seringal distante da Amazônia. A dependência dos pescadores frente à fishhouse é reforçada, hoje em dia, pelo fato de só existirem duas dessas casas em operação em

Mullet Springs. Muitas foram destruídas por furacões ou convertidas para outros usos. O dono de uma fishhouse morreu há pouco tempo atrás. Fui informado de que os dois donos de fishhouse restantes, passaram a alugá-la com o propósito de mantê-la fechada. Esta situação que na linguagem econômica chamar-se-ia de oligopsonica oferece aos pescadores um conjunto muito limitado de alternativas. Isto está claramente ilustrado pelo caso do pescador que, quando eu perguntei porque ele não fiscalizava o peso de sua produção na “fishhouse”, respondeu que costumava vender sua produção para a outra “fishhouse” cada cidade, mas que tinha tido um problema. Ele não queria criar “novos problemas” agora que tinha apenas uma saída para o seu produto.

Esta mesma situação de falta de competição dá às fishhouses a possibilidade de manipular os preços. Todos os habitantes de Mullet Springs acreditam, provavelmente com boas razões, que os dois donos de fishhouse combinam entre eles e fixam o preço pago aos pescadores, de forma que o preço é sempre inferior ao de uma situação mais próxima a um ideal de mercado.

Mullet Springs possui também um pequeno número de pescadores de ostras e de caranguejos do tipo stone crabs que não dependem das fishhouse para comercialização de seus produtos. Esta categoria, que chamarei de “produtores independentes”, vende sua própria produção. Algumas vezes compram pequenas quantidades de ostras e caranguejos de outros pescadores, para vender, mas suas atividades básicas consistem em produzir, processar e vender o que produzem. Enquanto as fishhouse trabalham com todos os tipos de produtos, os produtores independentes trabalham apenas com ostras e “stone crabs”. Estas espécies tem um alto valor e quantidade relativamente pequenas são suficientes para manter um negócio independente.

Podemos então definir três categorias de agentes econômicos na indústria pesqueira.

Donos de fishhouses, produtores individuais, isto é, aqueles que vendem sua produção para a fishhouse, e por fim, produtores independentes. Estas diferenças fornecem a espinha dorsal do sistema local de classes sociais. Enquanto os produtores individuais se especializam principalmente em “blue crab” (caranguejo azul) e peixe, os produtores independentes trabalham mais com “stone crab” e ostras. Um dos donos da fishhouse pesca em certas estações do ano e o dono da outra fishhouse pesca caranguejos.

As especializações em peixe, ostras e caranguejos dependem de razões como: a demanda de mercado, a dificuldade de captura (peixes são mais difíceis que ostras ou caranguejos), o nível de esforço físico correlacionado com a idade e a saúde do pescador, e assim por diante. Há muitas mudanças de uma atividade para outra.

O equipamento em uma pescaria é um barco com cabina puxando dois esquifes. Em cada um dos esquifes vai uma rede de tipo diferente. O barco maior é utilizado apenas para levar os pescadores e os esquifes ao local da pescaria. A pesca propriamente dita é realizada com os esquifes. O esquife é manobrado por apenas uma pessoa.

Para os propósitos deste trabalho é importante demonstrar que a pescaria seria muito mais produtiva se fosse realizada em grupo. Os pescadores, porém, quase sempre pescam sozinhos. A vantagem da pesca por duas pessoas vem do fato de que, quando trabalha apenas um pescador, sempre permanecem ociosos um esquife e uma rede, o que permite qualificar-se como irracional, do ponto de vista econômico, a pesca feita em Mullet Springs. Além de requerer menor investimento em barcos e redes, se realizada por duas ou mais pessoas, a pesca traria uma forma de se economizar o combustível que pesa bastante no custo operacional de um barco. O ideal seria ter-se um

barco grande que distribuisse vários esquifes em uma dada área. Tal organização implicaria talvez em 5 pessoas trabalhando em um único barco maior, com o mesmo número de 5 esquifes. O dono da fishhouse que também pesca, é o único o que faz com auxílio.

A pesca de caranguejos é realizada com armadilhas. Um pescador de caranguejos deixa-as em áreas diferentes e cada dia inspeciona metade das armadilhas que possui. Mais do que no trabalho com peixes, a pescaria de caranguejos é irracional sob o ponto de vista econômico individual. O problema aí não é simplesmente o de adição de novas unidades de trabalhos como na captura de peixes. O pescador de caranguejos também trabalha sozinho, mas se trabalhasse em grupo, teria que ser estabelecida uma nova forma de divisão de trabalho, conseguindo-se assim o arranjo ideal do ponto de vista econômico. O pescador de caranguejos gasta de duas a duas horas e meia com o barco parado, nos trabalhos de esvaziamento das armadilhas, iscado armadilhas após o esvaziamento e separando espécies não comerciais. Com duas ou três pessoas trabalhando em cada barco, este trabalho poderia ser realizado muito mais rapidamente com menor utilização de capital e combustível em uma maior produtividade.

É exatamente esta a forma de divisão do trabalho “racional” adotada pelos produtores independentes. É verdade que eles se especializam em “stone crabs”, usando armadilhas de madeira colocadas mais ao longo da costa. Mas as atividades que consomem tempo a bordo, no trabalho de produção de caranguejos, são as mesmas. Assim, enquanto os produtores individuais de caranguejo são capazes de explorar uma média de apenas 200 armadilhas, os produtores independentes exploram uma média de 600 com a adição de apenas mais uma unidade de trabalho. O caso da produção de ostras, é igualmente útil para ilustrar nosso problema. Não há produtores individuais de ostra trabalhando em tempo integral, sendo esta uma especialidade de produtores independentes. As atividades que consomem mais tempo no processamento da produção são realizadas em terra e por um grupo de pessoas. Aqueles produtores individuais que eventualmente colhem ostras vendem-nas às fishhouses onde são elas processadas.

Em todos os casos os produtores individuais apresentam um desnecessário uso de unidades de capital contrastando com uma relação capital-trabalho mais próxima do ideal mantida pelos produtores independentes e pelos donos de fishhouses. Poderia supor-se que estas unidades desnecessárias de capital seriam devidas às facilidades de crédito oferecidos pelo governo federal americano. Este não é porém o caso, uma vez que o mesmo padrão era seguido antes de 1971, época em que o chamado “Farm Credit System” foi estendido aos pescadores. Além disto, os produtores independentes e donos de fishhouse organizam a produção de acordo com uma forma de divisão de trabalho que é impossível aos produtores individuais enquanto continuarem a pesca sozinhos. Tudo isto leva a argumentação de que, ao nível dos arranjos produtivos, o acesso a mercados externos está relacionado com graus de racionalidade econômica, se “racionalidade econômica” for entendida como redução de custos e maximização de lucros.

A tecnologia relativamente simples utilizada pelos pescadores, bem como a forma relativamente “irracional” de organização da produção, é porém muito racional para o sistema econômico como todo, um sistema de pequenos mercados que mal absorve a produção atual. De outro lado, a racionalidade da baixa produtividade para o sistema como um todo também aparece no momento em que são considerados fatores ecológicos: uma baixa produtividade é defesa contra a destruição da fauna marinha. Porém a relação entre o sistema econômico e o comportamento individual não é direta.

Ela envolve valores culturais e os arranjos da estrutura social da comunidade, como veremos em seguida.

IV – Valores

A falta de cooperação entre a maioria dos pescadores de Mullet Springs está associada com as tradições culturais. Um dos valores básicos para a compreensão do sistema ideológico local pode ser conceptualizado pela palavra “smart”, traduzida por “esperto”, “vivo” ou “malandro”. Ser “smart”, significa ser capaz de enganar outras pessoas e de não se enganado. “Smartness” neste sentido é a essência do individualismo. Uma pessoa “smart” não confia em ninguém e é por definição um bom homem de negócio.

O individualismo dos pescadores de Mullet Springs se expressa de maneiras diversas. Um das formas é através de roubo de caranguejos das armadilhas. Outra, pela espionagem econômica com o uso de binóculos. A violência é parte integral do padrão competitivo de Mullet Springs. Casos de barcos que explodem de vez em quando e de empresas que se incendiam em condições mais do que suspeitas são acontecimentos não inteiramente incomuns na vila.

Um segundo conceito básico na vida do povo de Mullet Springs, é o de “proud”, orgulhoso. Para ser “proud” uma pessoa coloca-se acima de todas as outras em uma hierarquia ideológica. Não há dúvida que, neste nível, o conceito é, em si mesmo uma expressão de individualismo. As pessoas não gostam de receber instruções ou sugestões que poderiam ser interpretadas como ordens. Várias empresas que foram tentativamente lançadas em Mullet Springs falharam devido a esta razão. Os empregados começaram a abandonar progressivamente o trabalho, alegando que o dono da empresa tinha o hábito de “dizer às pessoas como fazer as coisas”.

O conceito de “proud”, porém transcende o nível individual. “Pride” é uma palavra de código para descrever a participação em um grupo ou categoria social. Uma pessoa é “proud” de ser um homem, (mulheres são menos “proud”), “proud” de ser um nativo de Mullet Springs, de ser um norte-americano ou de se branco. Segundo os pastores locais, os homens vão menos à igreja, pois nela há subjugação, sendo isto mais apropriado para mulheres que são menos “proud”.

A orientação ideológica traduzida no conceito ajuda a influenciar os níveis de divisão do trabalho em Mullet Springs. Qualquer forma de trabalho organizado e cooperativo em terra firme é considerado trabalho de mulher. Mulheres brancas, por outro lado, são mais “proud” que os negros em geral e alguns trabalhos considerados “sujos” são vistos como cabendo aos negros exclusivamente.

Tais valores afetam todas as formas de organização encontradas na cidade. Há uma tendência clara para que os nativos de “Mullet Springs” prefiram organizações voluntárias não hierarquizadas, autônomas ou, ainda, organização nenhuma. Na fraqueza de suas organizações voluntárias, Mullet Springs contraria o padrão comum de classe média americana que está sempre participando de clubes e associações voluntárias para todos os fins. A maioria dos membros das poucas organizações voluntárias da vila são principalmente “outsiders”, em geral aposentados. Da mesma forma a vila não é vista como um componente de um modelo político, como o nosso brasileiro, que começa com um município na base da hierarquia e culmina com o governo federal no topo. A despeito da real hierarquia política existente entre os diversos níveis do governo americano, o povo da vila insiste em ver os Estados Unidos com uma espécie de frouxa consideração de cidades, “counties” e estados, exprimindo a

tendência a não se aceitar uma hierarquia em que o povo local esteja de uma ou outra forma situado abaixo. A tendência contra associações voluntárias aparece claramente no caso de todas as tentativas de quebra do sistema de fishhouse através de cooperativas. Todas as cooperativas organizadas não duraram mais de dois anos. Os líderes tornaram-se imediatamente suspeitos de estar querendo “ser mais do que os outros”, razão para que muitos pescadores fossem deixando progressivamente de comparecer às reuniões. Motivo para o não pagamento de mensalidades foi a idéia de que os outros pagariam. Por fim, a desconfiança de que os líderes estariam gastando seu tempo e esforço para roubar dinheiro da cooperativa foi um outro fato essencial no seu fracasso. Duas vezes isto de fato aconteceu reforçando ainda mais as desconfianças contra as cooperativas.

Assim a falta de hierarquia e a não organização do trabalho cooperativo, seja a bordo dos barcos ou no sistema religioso, político e social da cidade, é um fator determinante dos arranjos sociais existentes. Um fato social total, usando o conceito de Marcel Mauss.

A principal razão pela qual os produtores individuais não trabalham em grupo podem ser aí encontrados, pois trabalhar junto com outro ou outros não seria “Smart”. Implicaria na possibilidade de conflito através das tentativas de se obter uma maior parte da produção e para deixar a maior parte do trabalho para o sócio. Além disso, trabalhar junto com outro ou outros implicaria na necessidade de divisão de trabalho e de uma hierarquização de funções, o que também contrariaria tais princípios ideológicos. Se os pescadores de todas as categorias participam desses mesmos valores de “Smartness” e “pride”, porque então alguns, os pescadores independentes e os donos da fishhouse, trabalham efetivamente em grupo? Uma das respostas é que os padrões ideais de uma cultura não são sempre seguidos. Isto é no caso tão verdadeiro para os produtores independentes e os donos de fishhouse quando trabalham em grupo como o é para os produtores individuais no momento em que dependem da fishhouse, trabalhando por um salário ou procurando a assistência social do governo. Apesar disso, estes valores se fazem presentes e atuantes, conforme vimos, em diversas esferas da vida social.

Os donos de fishhouse e os produtores independentes conseguem superar a contradição entre o trabalho em grupo, racional de um ponto de vista econômico, com os valores locais através do uso dos mecanismos do sistema de parentesco encontrados na Vila. De fato, se a população de Mullet Springs tende a não se organizar ao longo de linhas voluntárias, tem por outro lado, em seu sistema parentesco a base de organização da vida social. É de fato nas relações entre parentes que os valores de individualismo e repulsa a hierarquias funcionais tornam-se menos atuantes.

V – Parentesco

A família nuclear da cidade apresenta características muito interessantes, mas é um grupo de importância secundária. Para os propósitos do presente trabalho um grupo concreto bilateral merece especial consideração. Quando um produtor independente de Mullet Springs tem um grupo suficientemente amplo de parentes morando na vila, ele trabalhará com os membros deste grupo, isto ocorre em quatro dos cinco casos de produtores independentes existentes na cidade (Figura I). Encontramos assim algo similar ao que Freeman (1961: 200-202) chamou de “Kindred-Based Group”. Tais grupos em Mullet Springs, porém seriam diferentes dos “Kindred-Based Groups” identificados por Freeman que aparecem em eventos como uma caçada coletiva, por

exemplo, para desaparecerem em seguida. Os “Kindred-Based Groups” de Mullet Springs tem uma maior permanência no tempo, sendo organizados ao redor de uma pequena indústria. Os “Kindred-Based Groups” permanentes de Mullet Springs não caberiam, por outro lado, em qualquer das categorias clássicas de família extensa, pois sua estrutura é baseada essencialmente na rede bilateral de parentesco do dono da indústria. Sua estrutura não é baseada na residência, embora seja ela relacionada com a organização do grupo.

Graças à oportunidade de tem um emprego mais estável do que o de produtor individual, os parentes dos produtores independentes e dos donos de fishhouse são aqueles que apresentam a menor taxa de emigração na cidade. A cooperação entre parentes próximos é a única forma de cooperação viável na cultura ideal dos habitantes da vila. a explicação dada por quem trabalha para um parente é de que o está “ajudando”. Mesmo aqueles poucos indivíduos que trabalham para um não parente dizem que ali estão “auxiliando” um pretense amigo de infância, no caso o dono da empresa. Assim, a orientação ideológica contida no conceito de “pride” é de certa forma escamoteada.

Maior e de certa forma mais interessante que o Kindred e seus derivados concretos são as patrinhagens, um grupo de pessoas do mesmo sobrenome que, no caso de Mullet Springs, caracteriza-se por uma associação dos sobrenomes com a vila. Associações entre nomes e lugares parece ser uma característica comum do sul dos Estados Unidos. Evidentemente, quando falamos em patrinhagens não estamos nos referindo a problemas de idéias sobre descendência biológica, que os pescadores, tanto quanto nós, consideram ser bilateral. O fundador de cada uma das 14 patrinhagens de Mullet Springs é sempre o primeiro indivíduo que chegou ao local. Há, em geral, também uma lenda relacionada com a chegada de cada um destes fundadores na área de Mullet Springs. Algumas das linhagens possuem genealogias e a maioria tende a se encontrar em uma vizinhança bem definida. As linhagens, bem como os Kindred, se expressam também através de reuniões cíclicas que ocorrem na casa de um ou outro membro.

Enquanto o Kindred, como grupo, tende a estar associado com as pequenas empresas dos produtores independentes, há uma associação entre a linhagem e a fishhouse. Na página seguinte está o diagrama da linhagem de Mullet Springs, à qual pertence o dono de uma das fishhouse. Quase todos os indivíduos representados moram próximos um dos outros. O indivíduo A é o dono da fishhouse. Todos os indivíduos da geração de A trabalham na fishhouse (com uma exceção). O filho de A também nela trabalha e B, que já é muito velho, passa na fishhouse a maior parte de seu tempo, olhando e conversando. Com este arranjo, A tem a proteção física de seus parentes e estes, por outro lado, têm empregos estáveis. É verdade que limpar peixe não é considerado uma atividade muito dignificante, mas os parentes de A dizem que ali trabalham para ajudar seu irmão ou primo.

Assim, há uma relação entre a possibilidade de concretização dos grupos sociais existentes no modelo com a propriedade de uma empresa pesqueira. A realização de tal possibilidade é, sem dúvida, um dos fatores essenciais na manutenção do sistema de classes sociais pela desorganização dos pescadores classe baixa e o nível maior de solidariedade dos pescadores classe alta.

Possivelmente a principal função das patrinhagens vem a ser dar acesso a um grupo de parentesco mais amplo, o grupo dos “natives”. “Natives” de Mullet Springs é como se define a maioria da população da vila. A categoria “Natives” é normalmente oposta à categoria “Outsiders”, os de fora, ou “Yankees”. Para se qualificar como um

“native”, uma pessoa deve pertencer a uma das patrinhagens da cidade. O grupo dos “nativos”, em si, é porém bilateral dada a endogamia prevalente na área até alguns anos atrás. Este último fenômeno tem sido por sinal observado em outras áreas do sul dos Estados Unidos (Matthews, 1965). Para ser um nativo uma pessoa deve seguir os costumes tradicionais da vila, seja pelas variações da sub-cultura local, seja por valores mais amplos do sul dos Estados Unidos. O estilo da vida dos nativos implica no dialeto sulista característico, nos valores de que já falamos, no tipo de alimentação e até, para alguns, na decoração dos túmulos no cemitério com conchas de ostras.

Os nativos acreditam ter direito ao uso preferencial dos recursos econômicas da área. Estes direitos são garantidos por uma solidariedade muito forte dos membros do grupo quando enfrentando ameaças de fora, mesmo que elas atinjam um único indivíduo. O poder político na cidade deve estar na mão dos nativos. O grupo nativo é também um grupo que se julga moralmente superior.

Os “outsiders” ou “yankees” não precisam ser necessariamente do norte dos Estados Unidos na classificação dos nativos. A diferença maior é entre estilos de vida. Pessoas nascidas em lugares como Atlanta, capital do Estado sulista de Georgia foram classificados como Yankees. A única razão é que essas pessoas seguem estilos de vida dominante na classe média americana urbana. Os nativos desprezam os yankees e procuram evitar contatos mais íntimos com eles. O grupo dos nativos assim é uma “comunidade” na maneira definida por Arensberg e Kimball (1965: 15), dois sexos, três gerações e uma interação concentrada entre os indivíduos do grupo.

Embora os “outsiders” estejam em geral em uma melhor situação econômica que os “nativos”, eles estão em desvantagem em diversas formas no contexto local. Tal superioridade dos “nativos” é um dos aspectos do conceito de “pride” que, como no caso das relações com os negros, implica em se ter alguém abaixo na hierarquia ideológica. Ao mesmo que o conceito situa o grupo dos nativos no topo da hierarquia ele está também relacionado, conforme vimos, com a falta de participação em associações voluntárias. Enquanto estas últimas poderiam ter uma função muito importante como mecanismo de mudança social, especialmente as cooperativas, o sistema de parentesco, como aparece em Mullet Springs, tende a ser conservador. A única meta do grupo dos nativos é manter Mullet Springs para os seus membros. A solidariedade dos nativos funcionando apenas contra os outsiders, desvia a oposição entre classes. O yankees são responsabilizados por todos os problemas da ida quando evidentemente as razões são outras. Assim, os valores e as formas de organização social local convergem para o mesmo fim, a conservação da estrutura social que, no caso, tem um elemento básico no sistema de classes sociais.

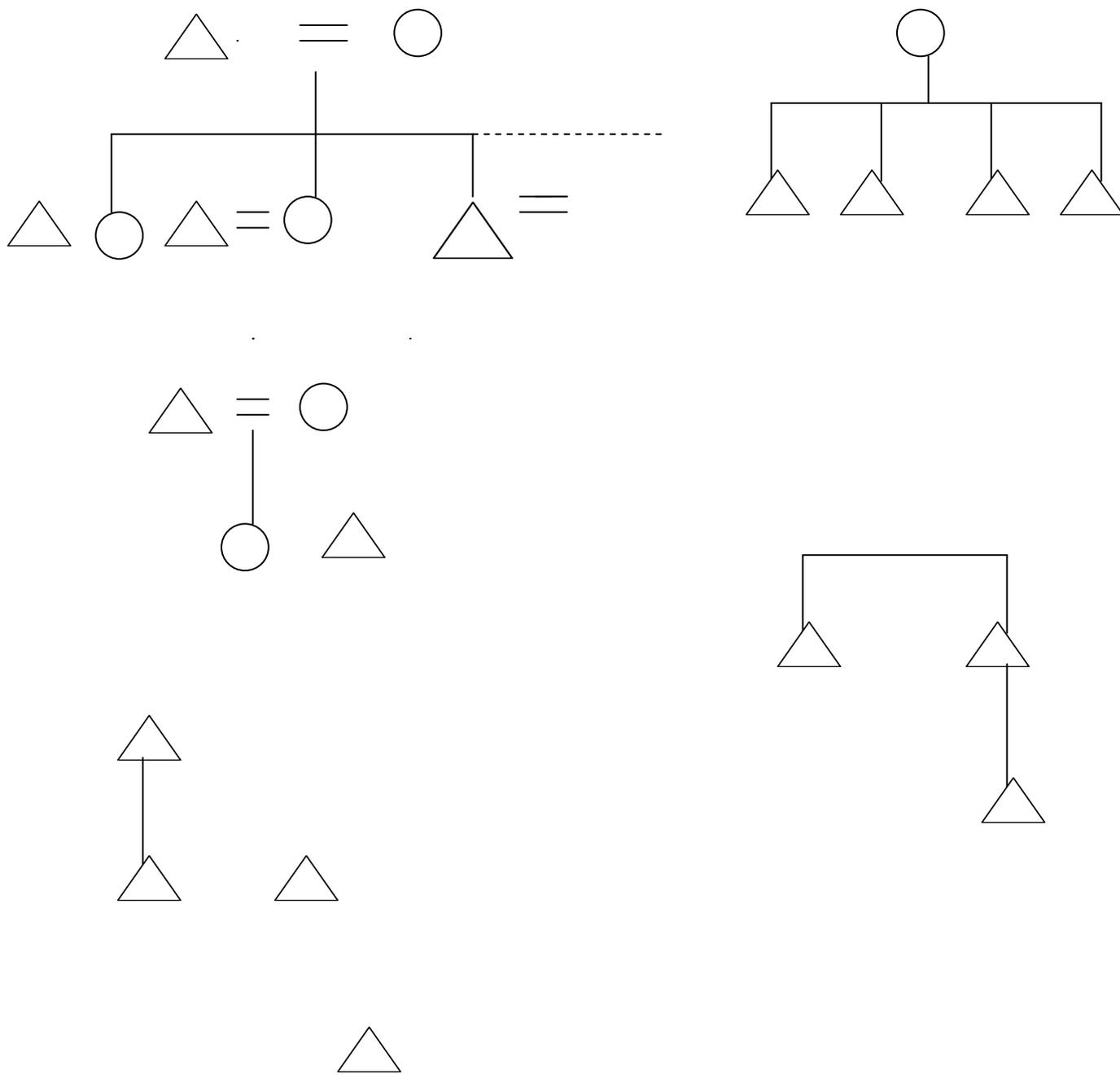
VI – Conclusões

A grande separação entre classes sociais existe em Mullet Springs devido ao pequeno tamanho do mercado. Porém todo o sistema cultural e a organização social da comunidade atuam no sentido de sua conservação. Se tal relação é aparente nos Estados Unidos, por que Forman, Johnson e outros não a encontraram no Brasil? Provavelmente devido ao contexto em que os seus trabalhos apareceram, como críticas à explicação da estagnação econômica pelo chamado “conservantismo camponês”. Assim, embora tenha sido prestado um serviço à Antropologia pela crítica de uma abordagem que ignora os fenômenos de classe social e poder, houve o sacrifício quase total de fatores ideológicos afetando a ordem econômica. A posição de Forman e outros, caracterizando camponeses como seres “racionais” do ponto de vista econômico individual, aliás

responde a idéias que tem tradicionalmente permeado a história da Antropologia em geral. Desde Maine (1946: 259), sociedades tribais tem sido caracterizadas por “status”, formas de comportamento prescrito, enquanto sociedades não tribais tem sido caracterizadas por “contratos” ou relações voluntárias. Johnson e Bond (1974:56) mostram que descrevendo sociedades tribais, a ênfase dos estudos antropológicos é um parentesco e numa perspectiva “normativa”. Quando descrevendo sociedades camponesas é ênfase no “padrão de comportamento emergente de membros individuais de comunidade”. O problema trazido por Johnson e Bond (1974:66) é que a amizade (livre escolha) e o parentesco (o comportamento prescrito) estão presentes em ambos sistemas sociais que eles comparam, uma comunidade africana tribal e uma comunidade camponesa brasileira. Embora demonstrando a relevância das duas áreas para o estudo das duas sociedades, eles basicamente aceitam, pelo menos em termos de ênfase, a dicotomia tradicional entre uma sociedade tribal baseada no parentesco e outra, em relações voluntárias. Se, porém, um terceiro tipo de sistema social, nem camponês nem tribal, como o de Mullet Springs, entre no quadro de comparação, pode ser sugerido que não há uma diferença enfática entre sociedades tribais e complexas em termos de estabelecimento de áreas de “livre escolha” e de “comportamento prescrito”. A diferença seria entre alguns tipos de sociedades complexas e alguns tipos de sociedades tribais. O contraste seria dependente dos arranjos sócio-culturais particulares encontrados em cada tipo de sociedade.

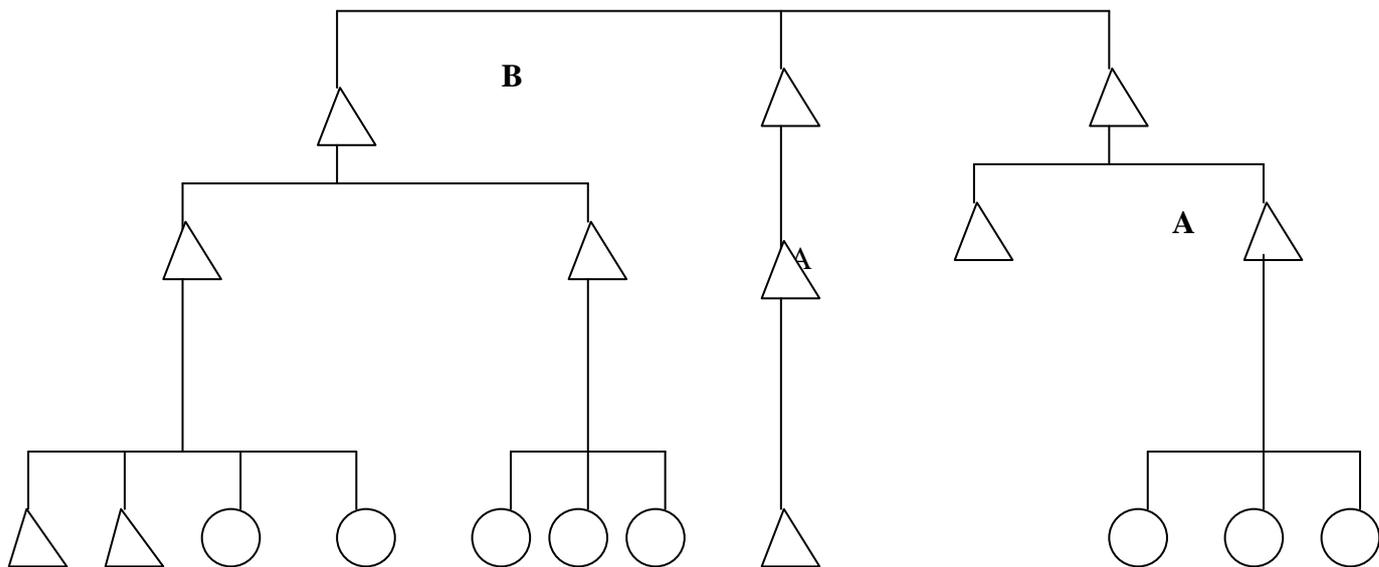
Uma implicação deste raciocínio é que quando se estuda sociedades complexas, o problema não é o de se substituir uma abordagem “normativa” por outra baseada em comportamento “racional”. Noções como competição, poder, comportamento racional e imagens de bem limitado podem ser encontradas em todas as sociedades humanas e em cada um de nós como indivíduos. O importante me parece, isto sim, a procura do peso explanatório relativo de cada um desses conceitos em contextos sócio-culturais específicos.

FIGURA I – “Kindred-based” grupos entre os Produtores independentes de Mullet Springs



infância”,

+ _ Empregados “amigos de
“quase irmãos”

FIGURA II: Membros de uma Patrinhagem de Mullet Springs

BIBLIOGRAFIA

- Comitas, Lambros. 1962. *Fishermen and Cooperation in Rural Jamaica*. Ph.D. Dissertation, Columbia University.
- Forman, Sheppard. 1970. *The Raft Fishsherman*. Bloomington: Indiana University Press.
- Freeman, J.D. 1961. "On the Concept of Kindred". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. 91: 192-320.
- Godelier, Maurice. N/D. *Racionalidade e Irracionalidade na Economia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Johnson, Allen. 1971. *Sharecroppers of the Sertão*. Stanford: Stanford University Press.
- Johnson, Allen e Bond, George C. 1974. "Kinship, Friendship and Exchange in two Organizaties": A Comparative analysis of Norma and Bahavion. *Journal of Anthropological Research*, vol. 30: 55-68.
- Maine, Henry. 1946. *Ancient Law*. London: Oxford University Press.
- Mattews, Lenora Nesser. 1965. *Neighbor and Kin*. Nashville: Vanderbilt University Press.
- Solon, T.. 1975. *Culture and Community*. New York: Harcourt, Brace e World.